

VIAGENS INTEMPORAIS PELO SABER: MAPAS, REDES E HISTÓRIAS

COORD. CATARINA MONTEIRO, CLARA SARMENTO, GISELA HASPARYK

CEI, 2017



Viagens Intemporais pelo Saber: Mapas, redes e histórias
ISBN: 978-989-97851-4-4
Porto, 2017

Edição do Centro de Estudos Interculturais do Instituto Superior de
Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto

Coordenadoras:
Catarina Monteiro
Clara Sarmiento
Gisela Hasparyk

Imagem da capa:
“A Cidade”, acrílico sobre tela, José Carlos Sarmiento, 2017

Centro de Estudos Interculturais
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
Gabinete 333
Rua Jaime Lopes Amorim
4465-004 S. Mamede Infesta
Portugal
Telefone: +351 229 050 037 (ext. 333)
URL: <http://www.iscap.ipp.pt/cei>
E-mail: cei@iscap.ipp.pt

ÍNDICE

Introdução	i
-------------------	----------

I – ACÇÕES DIALOGANTES NA TEIA INTERCULTURAL

THE RETRANSLATION OF *ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN*: A CASE STUDY

<i>Corinne Wecksteen-Quinio</i>	2
---------------------------------	----------

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: O QUE É PARA MIM A *EDUCAÇÃO INTERCULTURAL*? E O QUE SERÁ PARA O OUTRO...? PORQUÊ? PARA QUÊ? COMO?

<i>Estela Pinto Ribeiro Lamas</i>	28
-----------------------------------	-----------

ETHICS FOR INTERPRETING AND TRANSLATION

<i>Gunta Ločmele</i>	47
----------------------	-----------

TRANSMISIÓN CULTURAL EN LOS TRADUCTORES ESPAÑOLES DE LAS NOVELAS DE JOSÉ SARAMAGO

<i>Laura Tallone</i>	57
----------------------	-----------

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO, PSEUDO-TRADUÇÃO: CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS MODELOS POÉTICOS

<i>Luísa Benvinda Álvares</i>	71
-------------------------------	-----------

LOS ESTEREOTIPOS LOCALES EN LA FICCIÓN AUDIOVISUAL ESPAÑOLA: ÁNALISIS DE MECANISMOS DE CONSTRUCCIÓN DE PERSONAJES EN CINE Y TELEVISIÓN

<i>María-Jesús Ruiz-Muñoz e Paloma López-Villafranca</i>	81
--	-----------

LUIZA NETO JORGE: IMAGENS POÉTICAS DIALOGANTES

<i>Maria João Cameira</i>	95
---------------------------	-----------

RESSIGNIFICAÇÃO DE IMAGENS: COMO ATRIBUIR CONTEÚDOS A UM TEXTO IMAGÉTICO

<i>Simone Formiga</i>	109
-----------------------	------------

II – INTERCULTURALIDADE & NEGÓCIOS, LTD.

NEGLECTED CITY NARRATIVES AND FAILED REBRANDING:
FOCUSING ON RIGA AND AARHUS

Gunta Ločmele e Birthe Mousten _____ 123

INTERACÇÕES PRAGMÁTICAS: INTERCULTURALIDADE,
IDENTIDADE(S) E GLOBALIZAÇÃO

Iolanda Ramos _____ 136

EMPREENDEDORISMO, INVESTIGAÇÃO E CULTURA

Marco Aurélio Ribeiro Lamas _____ 159

“O BRASIL CHAMA POR SI! CELEBRE A VIDA AQUI.” UM ESTUDO
ACERCA DA CAMPANHA DA EMBRATUR: “BRAZIL IS CALLING
YOU”.

Simone Formiga _____ 178

III – DIREITO, GÉNERO E CULTURAS

“ME GERMANAM MEAM SOROREM IN CONCUBINATUM TIBI, SI
SINE DOTE, DEDISSE MAGIS QUAM IN MATRIMONIUM” (EN
TORNO A PLAUTO, TRINUMMUS, III, 688-690)

Alicia Valmaña-Ochaíta _____ 202

EN TORNO A LOS ESPONSALES Y EL MATRIMONIO EN LA
LEGISLACION VISIGODA

Esperanza Osaba _____ 224

CIDADANIA EUROPEIA: DA LIVRE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS
AO GOZO DO ESSENCIAL DOS DIREITOS CONFERIDOS PELO
ESTATUTO FUNDAMENTAL DOS NACIONAIS DOS ESTADOS-
MEMBROS

Fátima Pacheco _____ 235

VULGARIZACIÓN DE LA NOCIÓN DE PUBERTAD EN RELACIÓN
CON LA POSICIÓN JURÍDICA DE LA MUJER

Gema Polo Toribo _____ 255

LUCRECIA Y EL DERECHO DE FAMILIA EN ROMA	
<i>María José Bravo Bosch</i>	272

BREVITER SOBRE MUJER CIUDADANA Y DERECHO ROMANO	
<i>Rosa Mentxaka</i>	288

EL TRABAJO FEMENINO: UNA REALIDAD FRENTE AL MODELO DE MUJER EN LA ANTIGUEDAD ROMANA	
<i>Rosalía Rodríguez López</i>	301

IV – PASSADOS INTERCULTURAIS – PRESENTES GLOBAIS

A HUMANIDADE DE AGOSTINHO DA SILVA	
<i>Adelina Andrês</i>	324

VINDOS DOS SERTÕES DA ÁFRICA: A PRESENÇA DE ESCRAVOS AFRICANOS NOS SERTÕES DE PERNAMBUCO DA AMÉRICA PORTUGUESA (1750-1808)	
<i>Alexandre Bittencourt Leite Marques</i>	333

ENTRE A ARTE E A DEVOÇÃO: O CONTRIBUTO DE SOROR ANTÓNIA BAPTISTA	
<i>Carla Avelino</i>	355

CREATION STORIES, ETHNIC CLEANSING, AND IMAGINARY INDIANS: A GUIDE TO NATION BUILDING IN CANADA AND THE USA	
<i>Carmen Robertson e Mark Cronlund Anderson</i>	367

EDUCAÇÃO ESCOLÁSTICA NO ESPÍRITO SANTO: A PRESENÇA DE FRANCISCANOS E JESUÍTAS À ÉPOCA DAS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS (SÉC. XVI)	
<i>Francis Rasseli dos Santos</i>	385

MÁRTIRES JAPONESES: SÍMBOLOS CRISTÃOS ENTRE MACAU E JAPÃO	
<i>Isabel Correia Pinto</i>	398

DA DESTRUIÇÃO À PATRIMONIALIZAÇÃO: PASSADO E
PRESENTE DAS UMA LULIK (CASAS SAGRADAS DE TIMOR
LESTE)

Lúcio Sousa _____ 415

UMA HISTÓRIA DE ESTÓRIAS: CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA
DA INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIA EM PORTUGAL

Marco Furtado e Sara Pascoal _____ 442

LA EUROPA COSMOPOLITA DESPUÉS DE LAS FRONTERAS: A
PROPÓSITO DE GALICIA Y EL NORTE DE PORTUGAL

Xaquín Rodríguez Campos _____ 458

INTRODUÇÃO

Em 2017, o Centro de Estudos Interculturais (CEI) cumpre dez anos de viagens sem tempo pelos labirintos da interculturalidade. Neste labirinto, o CEI, ao invés de se perder, criou o seu próprio fio condutor, um fio que lhe possibilita constantes regressos e avanços, desvios e progressos, por vezes pouco lineares, sempre que a tal se propõe.

Ao fim de dez anos, espera-se que digamos que se encerra um ciclo, que vamos fazer uma profunda reflexão, que vamos parar para pensar. Mas o CEI nunca faz aquilo que se espera de um centro de investigação conformista. Porque a interculturalidade é tudo menos pausa, conformismo, imobilidade. Se a interculturalidade é o movimento, o diálogo, o espaço vazio entre culturas – onde nada existe, tudo se pode criar – como poderia agir de outro modo um centro que a estuda e conceptualiza? Não se encerra nenhum ciclo, simplesmente começamos um novo dia de trabalho, de novos projectos e diálogos em redor do globo. Dez anos e um dia, outro dia de ordem no caos do CEI. A reflexão faz-se caminhando, *mobilis in mobili*, qual Nautilus no oceano global.

Um exemplo disso – que não uma prova, pois o trabalho alcançado é a única prova válida – é este livro, *Viagens Intemporais pelo Saber: Mapas, Redes e Histórias*. Um livro inesperado, que não estava planeado nos gráficos da produtividade, mas que nos foi exigido pelos muitos investigadores que em pouco mais de dois anos, entre 2014 e 2017, visitaram o CEI e aqui quiseram partilhar a sua ciência. Do Canadá a Portugal, da França à Letónia, de Espanha ao Brasil, não se poderiam perder tantos textos que em tão pouco tempo nos trouxeram reflexões inovadoras sobre “Acções Dialogantes na Teia Intercultural”, “Interculturalidade & Negócios”, “Direito, Género e Culturas” e “Passados Interculturais – Presentes Globais”. Novos mapas nos orientam nos labirintos da interculturalidade, novas redes se tecem, velhas histórias encontram novos ouvintes.

E porque o saber paira sobre o tempo, sendo-lhe indiferente, emerge neste livro a participação cada vez mais crítica e activa dos jovens investigadores do CEI. Com efeito, para que este projecto editorial se tornasse realidade, foi essencial o exímio profissionalismo de Catarina Raquel Gonçalves Monteiro, finalista do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas do ISCAP-P.PORTO e actual *junior researcher* do CEI, que contou com o apoio de uma Bolsa de Integração na Investigação Científica e Desenvolvimento – P.PORTO/Santander Totta, bem como de Gisela Hasparyk Miranda, licenciada em Assessoria e

Tradução pelo ISCAP-P.PORTO, assistente e *junior researcher* do CEI. Ambas desempenharam com inestimável dedicação e competência as suas funções de co-editoras, para além de serem já autoras de trabalhos de investigação publicados.

Como já é hábito, recordamos que este livro faz parte do programa de investigação do Centro de Estudos Interculturais (CEI) do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP-P.PORTO). Todas as informações sobre o CEI estão disponíveis em: www.iscap.ipp.pt/cei. Neste volume, preservou-se a grafia dos originais e todos os textos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Temos mapa, temos rede e muitas histórias para narrar. Vamos deixar de contar o tempo: vencida que foi a primeira década, agora a viagem será intemporal. Porque é infinito o saber da interculturalidade.

Clara Sarmento
CEI e ISCAP-P.PORTO, Junho de 2017

What sets worlds in motion is the interplay of differences, their attractions and repulsions. Life is plurality, death is uniformity. By suppressing differences and peculiarities, by eliminating different civilizations and cultures, progress weakens life and favors death.

– Octavio Paz

Os artigos presentes nesta edição, os quais atrevemo-nos a chamar de histórias, não são histórias comuns, são histórias que nos fazem (re)pensar na ligação entre o presente e o futuro. Histórias que invocam as nossas memórias, inspiram novos pensamentos e motivam a continuar a trabalhar e prosseguir com os nossos ideais. Podemos afirmar que editamos um livro rico, que contém diversas histórias e não meros artigos científicos, mas relatos de vivências que, em cada secção, transmitem um saber, um ensinamento que nos servirá de modelo para o futuro. As abordagens presentes neste livro são análises profundas e que ligam conceitos e temas distintos através de correlações simples, que poderiam não surgir na nossa reflexão espontânea.

Todos os autores que contribuíram para a criação deste livro contam os seus trabalhos com paixão e dedicação, transmitindo, em cada palavra escrita, o gosto pelo seu tema e pela sua área. Tais trabalhos mostram que

pequenas ideias tornam-se conceitos importantes e que o fruto da sua descoberta contribui para que haja uma alteração de mentalidades e comportamentos. Eles incitam à valorização das nossas conquistas, dando-nos a oportunidade de ler histórias que fomentam a inovação, a criação, a compreensão e a aprendizagem, que compõem os pontos-chave deste livro.

Este livro pode ser entendido como uma rota. Começamos, na secção “Acções Dialogantes na Teia Intercultural”, com análises de diálogos entre diversas culturas em contextos como a literatura, a arte e as obras cinematográficas. Seguimos, então, para a importância da interculturalidade nos negócios, em “Interculturalidade & Negócios, Ltd.”, que, com trabalhos desenvolvidos em vários cantos do mundo, mostra com simplicidade os desafios que se impõem para destacar países ou negócios no mundo “globalizado. Posteriormente, na secção “Direito, Género e Culturas”, evidenciam-se histórias por contar sobre a batalha pela emancipação da mulher. Desde o período romano procura-se o caminho para a liberdade que hoje possuímos através da luta e da ação da Lei. Chegamos, por fim, à última secção, “Passados Interculturais – Presentes Globais”. Esta secção fornece-nos uma aprendizagem sobre a importância da nossa história nos dias de hoje, enaltece o passado de cada cultura, enquanto histórias que se definem no presente. Ressaltam-se Passados e Presentes que devem ser relembrados, pois são marcos nas nossas narrativas culturais e merecem ser destacados na atual crise de identidade que as sociedades vivem. É imprescindível demonstrar o valor da nossa história, salientar a importância da luta pela sobrevivência de ícones culturais e também a criação de novas formas de pensar, de educar e de aprender.

Desafiamo-vos, assim, a participar nesta aventura de um passado anónimo por desvendar e convidamo-vos a descobrir pequenas pessoas com grandes histórias que, apesar de invisíveis na sua época, marcaram a sociedade com passos modestos em direção à liberdade.

Catarina Monteiro e Gisela Hasparyk
Centro de Estudos Interculturais
Maio de 2017

I – ACÇÕES DIALOGANTES NA TEIA INTERCULTURAL

THE RETRANSLATION OF ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN: A CASE STUDY¹

Corinne Wecksteen-Quinio
Université d'Artois, France

Introduction

Since “retranslation” can have several meanings², it must first be mentioned that the term will be used here to refer to a new version of a source text into the same language as previous translations (French in this case). At the end of his PhD about child rhetoric in Mark Twain’s novels, Ronald Jenn indicates:

Une retraduction est [...] particulièrement souhaitable pour [*Huckleberry Finn*]. [...] une nouvelle version pourrait prendre le parti de restituer certains aspects négligés du texte. Le respect de la polyphonie, dont les implications sociales sont évidentes, constitue en soi un projet ne nécessitant nullement le placage d’une idéologie sur le texte mais participe d’une réactivation, par la traduction, de la charge idéologique inhérente à celui-ci. Sans dévoyer ou moderniser le roman, un certain nombre de mesures simples à mettre en place ainsi que la reconnaissance de l’importance des voix enfantines peuvent permettre d’œuvrer dans ce sens. (Jenn 2004a: 426-427)

We will try to examine one of the latest retranlations of Mark Twain’s *Adventures of Huckleberry Finn* (1977/1884)³, which was published in France in 2008 by the Tristram publishing house⁴. The book cover indicates

¹ This is a slightly altered English version of a paper previously published in *Meta*, “La retraduction de *Huckleberry Finn* : Huck a-t-il (enfin) trouvé sa voix ?”, vol. 56, n° 3, September 2011, p. 468-492.

² “Retranslation” is also sometimes used as a synonym for “indirect translation” or “relay translation” (which consists in translating a text through another translation in a foreign language).

³ Twain, Mark (Samuel Langhorne CLEMENS), 1977/1884, *Adventures of Huckleberry Finn, An Authoritative Text, Backgrounds and Sources, Criticism*, edited by Sculley Bradley, Richmond Croom Beatty, E. Hudson Long, and Thomas Cooley. New York/London, Norton.

⁴ Twain, Mark, 2008/1884, *Aventures de Huckleberry Finn* (translated by Bernard Hoëpffner), Auch, Tristram. Nathalie Crom gives the following details about the publishing house: “Il se trouve que le projet du traducteur a rencontré, il y a deux ans et demi, le désir déjà attisé d’un éditeur: Tristram – la maison d’édition

that it is a new unabridged translation by Bernard Hœpffner (“nouvelle traduction intégrale de Bernard Hœpffner”). On the back cover, which is supposed to catch the attention of potential readers, you can find the following statement by the publisher:

Le plus souvent disponible dans des adaptations tronquées, indifférentes à sa qualité d’œuvre littéraire, *Huckleberry Finn* n’avait pas encore bénéficié en français d’une traduction qui rende justice à la saveur et à l’énergie incomparables du texte original.

La version intégrale – augmentée de deux longs passages inédits – qu’en offre aujourd’hui Bernard Hœpffner procurera à toutes les générations de lecteurs le sentiment d’un livre neuf, jamais lu sous cette forme.

We will try to see the various differences between this version and some of the previous translations, on a quantitative level but mostly on a qualitative level. In order to show how innovative Hœpffner’s translation is, it will sometimes be useful to compare it with versions by Suzanne Nétillard (published in 1948 and reedited in 1993⁵) and André Bay (published in 1960, reedited in 1990⁶ and in 1994⁷). Most of the time we will leave aside the first translation by William-L. Hughes, which was published in 1886⁸, because it was made for children and is generally considered to be an adaptation, whereas the other two translations are supposed to be for an adult readership (Lavoie 2002b: 149; Gouanvic 2004: 155), even if Nétillard’s version was subsequently relegated to young readers’ series (Jenn 2004a: 38-39). In this paper we will try to use varied examples to see how *Huckleberry Finn*’s voice, which is one of the essential aspects of the novel, has been rendered.

fondée et animée, à Auch, par Jean-Hubert Gailliot et Sylvie Martigny, et qui tire son nom du chef d’œuvre de l’Anglais Lawrence Sterne, qu’ils ont fait traduire en 1999” (Crom 2008 – see note 13).

⁵ Twain, Mark, 1993/1884, *Les aventures d’Huckleberry Finn*, translated by Suzanne Nétillard, 1948, Paris, J’ai lu.

⁶ Twain, Mark, 1990/1884, *Les aventures d’Huckleberry Finn, l’ami de Tom Sawyer*, translated by André Bay, 1960, preface by André Bay, in: Mark Twain, *Œuvres*, introduction by Pierre Brodin, Paris, Laffont.

⁷ Twain, Mark, 1994/1884, *Les aventures de Huckleberry Finn*, translated by André Bay, 1960, Introduction, notes, bibliography and chronology by Claude Grimal, Paris, GF-Flammarion.

⁸ Twain, Mark, 1886, *Les aventures de Huck Finn, l’ami de Tom Sawyer*, translated by William-L. Hughes, illustrations by Achille Sirouy, Paris, Hennuyer, digital version by the University of Illinois Urbana-Champaign, www.archive.org/stream/lesaventuresdeh00twai/lesaventuresdeh00twai_djvu.txt, last accessed on 21 November 2016.

The first part of this paper will be devoted to the reasons behind the retranslation as well as the general philosophy underlying the project. In the second part, we will use examples taken from the novel to study the quantitative and qualitative aspects of this new translation, with specific attention to various markers (lexical, phono-graphological, morphological, syntactic and grammatical). We will also rely on the various remarks and comments the translator himself made in several interviews about his translational choices to determine exactly what his project⁹ was and whether the announcement made by the publisher on the cover is materialized in the actual choices made by the translator. In our third and last part we will focus on the reception of this translation in France and on the qualifications that might be brought to bear on this unanimously acclaimed work.

1. The translations of *Adventures of Huckleberry Finn* by Mark Twain or the need for a new translation

1.1. Twain's language and the translational flaws

Let us first take stock of the situation before the new translation was published. All the scholars¹⁰ and critics who commented on the French translations of *Adventures of Huckleberry Finn* noticed the existence of shortcomings:

Le lecteur français ne dispose à l'heure actuelle d'aucune traduction qui lui permette de comprendre la nature de la véritable révolution qu'a opérée ce roman dans la littérature américaine. (Maniez 1998: 82)

Now this “revolution” caused by the novel can be seen in the language used by Twain, which is a dominant feature of this literary work:

⁹ Berman (1995: 76) gives the following definition for “projet de traduction” (“translation project”): “Le projet définit la manière dont, d’une part, le traducteur va accomplir la *translation* littéraire, d’autre part, assumer la traduction même, choisir un « mode » de traduction, une « manière de traduire »”. He adds: “[le critique] doit lire la traduction à partir de son projet, mais la vérité de ce projet ne nous est finalement accessible qu’à partir de la traduction. Car tout ce qu’un traducteur peut dire et écrire à propos de son projet n’a de réalité que dans la traduction” (Berman 1995: 77).

¹⁰ See Lavoie (1994; 2002a; 2002b), Gouanvic (2004) and Jenn (2004a; 2004b).

« Mark Twain, écrit Mr de Voto, a exercé plus d'influence sur la prose américaine que n'importe quel autre écrivain. » Il a, en effet, transformé le dialecte de la vallée du Mississippi en une langue littéraire qui, peu à peu, a presque complètement remplacé l'anglais d'Angleterre dans la prose américaine. Ses répétitions, ses gaucheries, son arrangement des mots, des accents et des pauses, ont été imités et reproduits à profusion. (Brodin 1990/1948: XXXIII)¹¹

The novel's main characteristic lies in the importance devoted to voices and especially that of teenager Huckleberry Finn:

La langue de *Huckleberry Finn* est entièrement dépendante de celui qui est censé écrire le roman et de son mode de perception. Il s'agit d'un petit garçon sans éducation, jeune comme les Etats-Unis, dont la voix familière, gouailleuse, est capable de lyrisme lorsqu'il s'agit d'évoquer les scènes du sublime américain. C'est une innovation extraordinaire, venue du refus de Twain d'obéir à la « genteel tradition ». Depuis ses débuts d'écrivain, Twain détestait la langue des lettrés, dont il trouvait l'élégance et le raffinement creux et ridicule ; il voulait imaginer autre chose. Il pensait à deux modèles idéaux : la langue des enfants qu'il imaginait « intéressante », « simple », « naturelle » parce que dépourvue d'artifices, du désir de « faire des effets », et la langue de la Frontière. (Grimal 1994: 28-29)¹²

Of course, in spite of the paragraph called *Explanatory* at the beginning of the novel, in which Twain gives indications about the dialects used in the book, the transcription of dialects is never completely accurate and it is much more a literary representation of a linguistic reality, which gives the illusion of reality.

What is typical of Twain is the way he represents vernacular language, coupled with inventiveness on the linguistic, prosodic and stylistic levels:

Twain procède de deux manières pour arriver à cet effet vernaculaire et lyrique si particulier au livre. D'abord, il conserve à son style des caractéristiques familières (orthographiques, lexicales, syntaxiques), mais de manière non systématique pour ne pas mécaniser la langue. S'il imite le vocabulaire, choisit des monosyllabes, use de la parataxe, il travaille en même temps le rythme et tous les systèmes de variantes et de répétitions, il

¹¹ Brodin, Pierre (1990/1948), "Introduction", in Mark Twain, 1990/1884, *Les aventures d'Huckleberry Finn, l'ami de Tom Sawyer*, translated by André Bay, 1960, Paris, Laffont.

¹² Grimal, Claude (1994) "Introduction, notes, bibliographie et chronologie", in Mark Twain, 1994/1884, *Les aventures de Huckleberry Finn*, translated by André Bay, 1960, Paris, GF-Flammarion. This quote and the following one are to be found in the introduction.

choisit aussi le mot rare ou inventé, le régionalisme, il étend l'utilisation des tropes bien au-delà de ce qu'une simple esthétique réaliste aurait exigé. (Grimal 1994: 29-30)

All these elements, which show how specific Twain's language is, explain why the translations of *Huckleberry Finn* into French have so far given the impression that they were unable to convey the same aesthetic effect, preventing French readers from having access to this new form of literature:

L'ampleur des problèmes évoqués par *Huckleberry Finn* a fait du livre un classique. Mais l'originalité de sa langue, *moins perceptible de nos jours surtout en traduction*, suffirait presque à expliquer la place du roman dans les lettres américaines. (Grimal 1994: 28; our emphasis)

You only have to read the comments about the other 3 French translations chosen here as points of comparison with that of Hœpffner. With Hughes's translation (1886), additions, omissions and other alterations are so numerous that his version of *Adventures of Huckleberry Finn* cannot be seen as a genuine translation, and the paper written about it by Lavoie (2002a) is called "Traduire pour aseptiser" [Translating in order to bowdlerize] while Claire Maniez indicates:

Qu'une telle production ait pu porter le nom de traduction a d'ailleurs de quoi surprendre le lecteur d'aujourd'hui : malgré la mention portée sur la page de titre, « *Les aventures de Huck Finn, l'ami de Tom Sawyer*, traduit avec l'autorisation de l'auteur par William-L. Hugues », il ne s'agit en fait que d'une adaptation, puisque Hugues réduit considérablement la taille de l'ouvrage (on passe de 43 chapitres à 34), et en modifie même l'intrigue [...]. Quant à la voix narrative de Huck, elle disparaît entièrement derrière une diction de jeune homme de bonne famille qui manie à la perfection le passé simple et les imparfaits du subjonctif. (Maniez 1998: 74)

As for Nétillard's version, it received praise even if it is not perfect:

Extrêmement sensible à la matérialité du signe (qu'il s'agisse de sociolectes ou de répétitions), Nétillard propose une traduction qui parvient à véhiculer un projet esthétique-idéologique très proche de celui qui fut dégagé du texte original. (Lavoie 2002b: 189)

Nétillard est un peu plus proche [que Bay] de l'esprit de Twain. Elle apparaît plus sensible au registre de Huck. [...] Mais ce sont des essais timides de rendre la parole de Huck, et son style. (Gouanvic 2004: 162)

The original translation (1886) being so far from the original, it can be considered that the 1948 version by Suzanne Nétillard is the first and by all

standards the best of all those that were ever published in French and in France. (Jenn 2004b)

As for Bay's translation (1960), it could not render the specificities of the language used in the novel since a note at the beginning of the book shows that the translator rejects the idea of breaking grammatical rules:

Mark Twain annonce dans une note liminaire qu'il a employé divers dialectes dans ce livre, au moins quatre, celui des nègres du Missouri, celui du Sud-Ouest, etc., sans compter les subdivisions dialectales et il nous avertit aimablement de ce fait parce qu'on pourrait s'imaginer que tous ses personnages s'efforcent de parler de la même façon sans tout à fait y parvenir.

En employant systématiquement le style parlé, Mark Twain, en autodidacte conscient de ses limites, a opéré une véritable révolution dans la littérature américaine, il lui a permis d'être enfin elle-même et non plus une branche de la littérature anglaise. Dans la présente traduction, nous nous sommes efforcés de conserver au récit son naturel un peu débraillé, familier, sans aller jusqu'à l'argot et *en respectant autant que possible les règles de la grammaire*. (Bay 1990/1960: 178; our emphasis)¹³

Researcher Jean-Marc Gouanvic indicates that Bay's version is very much half-hearted about Huck's sociolect:

Tout ce qu'André Bay se permet à l'occasion, c'est l'élimination de la première partie de la négation, *ne*, dans les constructions verbales négatives [...] pour mimer le langage parlé de Huck. Il utilise aussi, parfois, des expressions familières [...]. Mais l'ensemble est un style de bon ton, bien loin du style de Huck. (Gouanvic 2004: 161)

So we can see that there are not necessarily any improvements from one translation to the next because Nétillard's translation received more praise and is considered to be better than Bay's, although Bay came later and became the most widely read version in France (Jenn 2004a: 431).

Since Twain's language and style seem to have suffered in the translation process, we can easily understand why scholars thought a new translation was necessary. If Lavoie suggests using creole French to render the slave's English, there remains to be seen what can be used to render Huck's sociolect:

¹³ Bay, André, 1990/1960, "Note sur la traduction", *Les aventures d'Huckleberry Finn, l'ami de Tom Sawyer*, translated by André Bay, 1960, in Mark Twain, *Œuvres*, Paris, Laffont, p. 178.

Thank You for previewing this eBook

You can read the full version of this eBook in different formats:

- HTML (Free /Available to everyone)
- PDF / TXT (Available to V.I.P. members. Free Standard members can access up to 5 PDF/TXT eBooks per month each month)
- Epub & Mobipocket (Exclusive to V.I.P. members)

To download this full book, simply select the format you desire below

